

IMPOSSIBILIDADES E LIMITES DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES DO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO: O CASO DO PÓLO DE SANTANA DO IPANEMA

Jailson Costa da Silva (UNEAL)

jailsonsandes2009@bol.com.br

Co-autor (a): Divanir Maria de Lima (UNEAL)

RESUMO:

Este trabalho consiste numa reflexão acerca do significado das práticas de ensino na Alfabetização de Jovens e Adultos, através da análise da formação dos professores alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado – PBA. A pesquisa, ainda em fase embrionária, parte de uma inquietação enquanto acadêmico e integrante de um grupo de Coordenadores em um Programa de Extensão Universitária no PBA, no Pólo VI – Santana do Ipanema – semi-árido alagoano. Busca uma compreensão acerca das implicações da formação dos professores sobre suas práticas. Aporta-se nas idéias de Albuquerque (2004), Freire (1996), Gadotti (2001), Haddad; Di Pierro (1994), Oliveira (1999), Prada (1995) e Soares (2008), que contribuem para a reflexão sobre a necessidade de uma atuação transformadora da realidade, numa perspectiva de superação da distorção entre as propostas pedagógicas e a formulação de objetivos condizentes com a alfabetização de jovens e adultos. A análise dos dados revela a pouca familiaridade dos alfabetizadores com a elaboração e operacionalização de instrumentos relevantes para alfabetizar satisfatoriamente, demonstrando a ausência de um modelo de formação específico para estes professores.

PALAVRAS-CHAVE: Programa Brasil Alfabetizado – Formação de Professores – Práticas Educativas.

INTRODUÇÃO

Considerando a formação como um fator preponderante no exercício da docência na educação de jovens e adultos, destacamos a necessidade de uma formação voltada para explicação das questões sociais, percebendo a diversidade como um elemento pedagógico capaz de proporcionar a participação ativa e autocrítica dos educandos. Neste sentido percebe-se a necessidade de políticas de formação de professores, leia-se também alfabetizadores, voltadas para a compreensão das especificidades da educação de jovens e adultos, percebendo-os como sujeitos concretos, que têm uma história de vida, ou seja, necessita-se de uma formação que priorize a adequação das práticas ao contexto do aluno. Nesta perspectiva Oliveira afirma que:

Refletir sobre como esses jovens e adultos pensam e aprendem envolve, portanto, transitar pelo menos por três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: “a condição de não criança”, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de grupos culturais (OLIVEIRA, 1999, p.2).

Trata-se de um processo de valorização do educando, buscando a superação; para então avançarmos deixando para trás a formação insipiente que temos hoje. Conforme Soares (2008), “mesmo com a crescente visibilidade que tem tido a EJA, seja como campo de estudos e pesquisas, ainda não existe efetiva demanda para a formação específica do educador que atua com esse público”, nesta perspectiva percebe-se um longo caminho que a formação do educador de jovens e adultos deve tomar; e que precisa ter como princípio fundamental a compreensão da constituição histórica dos alunos, não se esquecendo de enfatizar também, a constituição do docente, como um processo contínuo, que vai se consolidando por meio das atividades profissionais exercidas, e pela busca contínua de aperfeiçoamento das práticas educativas. Neste sentido (Freire 1992), pontua que, “não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira assim, espera vã.”

Neste artigo procuramos aprofundar a pesquisa acerca da formação dos professores-alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado – Pólo VI¹ – Santana do

¹ Pólo coordenado pela 6ª coordenadoria de ensino (CE), localizada na cidade de Santana do Ipanema, tendo como parceiros os municípios circunvizinhos de: Carneiros, Dois Riachos, Maravilha, Ouro Branco, Poço das Trincheiras e Senador Rui Palmeira.

Ipanema². Apresentamos dados que demonstram a deficiência na formação inicial desses alfabetizadores, procurando evidenciar o que inviabiliza uma melhor atuação por parte destes frente às turmas de alfabetização de Jovens e adultos.

Sabendo da importância da reflexão contínua sobre as práticas pedagógicas percebemos a necessidade de investigarmos os fatores que interferem na concretização da mesma, pois percebemos que grande parte dos problemas enfrentados por estes sujeitos são oriundos da má formação ou mesmo da inexistência desta, nesta perspectiva acreditamos que a formação inicial; aqui tomada como a formação ofertada antes do início das atividades dos professores alfabetizadores, ministrada pelos coordenadores setoriais, com uma carga horária de apenas 40 horas, é incapaz de torná-los aptos a lidar com situações que exigem habilidades específicas de inclusão e valorização dos educandos. A cerca disto, Prada afirma que:

A formação de professores em serviço não significa somente passar-lhe o conhecimento universalmente sistematizado, implica em retomar o conhecimento cotidiano deles nas relações com seus estudantes, pois é neste ponto que estas relações precisam ser determinadas, compreendidas e estudadas criticamente, se o que se pretende é a transformação da formação dos professores e a geração de subsídios que sirvam de exemplos metodológicos para o exercício cotidiano da prática educativa. (1997, p.106 – 107).

Em consonância com as idéias de Prada, nos propomos a investigar a formação dos professores alfabetizadores do PBA, buscando perceber quais são as implicações dessa formação sobre suas práticas.

A FORMAÇÃO REFLETIDA NA PRÁTICA

Estando o presente trabalho centrado na necessidade de conhecermos as práticas educativas dos alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado – Pólo VI – Santana do Ipanema, buscando analisar a formação destes alfabetizadores e seus reflexos nas práticas pedagógicas, bem como quais são as implicações destas práticas no momento das aulas.

² Principal cidade do Sertão Alagoano, localizada a 207,03 Km da Capital do Estado, com 44.866 habitantes, uma densidade demográfica de 94,76 hab./Km² e uma área total de 437,8 Km².

No processo de alfabetização de jovens e adultos é preciso perceber e atentar para particularidades como: as diversidades de origens, as marcas de exclusão, a baixa auto-estima e as marcas do trabalho, uma vez que a grande maioria dos alunos iniciou sua vida como trabalhadores ainda durante a infância, para então compreendermos e valorizarmos a cultura popular que permeia os espaços desses sujeitos; e esta deve ser a função social da alfabetização de jovens e adultos pautada na superação da exclusão.

Sendo assim, percebemos o professor como agente fundamental para o cumprimento dessa tarefa, principalmente no que diz respeito à valorização no auxílio à superação dos preconceitos. Conforme nos lembra (Andrade 2004), de modo geral, “os sujeitos da EJA são tratados como uma massa de alunos, sem identidade, qualificados sob diferentes nomes, relacionados diretamente ao fracasso escolar.” Diante de tamanhos desafios se faz necessário uma educação que se firme a partir das perspectivas de cada aluno, evidenciando quais são os fatores que podem contribuir ou prejudicar a aprendizagem durante o seu processo.

Neste sentido, constata-se a importância da atuação do professor como modalizador, capaz de interferir de maneira positiva na construção da aprendizagem, uma vez que ele mantém uma relação mais próxima com os educandos. Portanto consideramos estes como um dos autores do processo e acreditamos que o principal caminho para a consolidação de uma educação mais justa e eficaz deve partir da valorização dos alunos, procurando compreender que o fato de não terem ido à escola não os impede de deter uma aprendizagem vasta, e que precisa estar presente nos processos pedagógicos que se consolidam no interior das salas de aula, levando em consideração que eles são sujeitos históricos e socialmente constituídos.

Freire (1996) referenda a concepção de que os sujeitos são históricos quando afirma que, a prática precisa estar vinculada aos aspectos históricos e sociais dos educandos, visando à elucidação das questões que realmente importam para a comunidade, ou seja, as práticas educativas veiculadas na sala de aula precisam aproximar-se do real interesse dos estudantes, constituída por significados que os ajude a perceber as idéias centrais e conseqüentemente possibilitem a aprendizagem. Porém do ponto de vista pedagógico percebemos a falta de profissionais habilitados para o trabalho de alfabetização de jovens e adultos, bem como a falta de recursos didáticos e a

ausência de métodos específicos para este público, deixando de oferecer o que eles realmente almejam.

[...] a responsabilidade ética, política e profissional do docente coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua vida docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do docente. Formação que se funda na análise de sua prática. (FREIRE, 1993b: 28).

Nesta perspectiva, destacamos a percepção que obtivemos na semana de formação dos alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado do Pólo de Santana do Ipanema; algumas limitações nos alfabetizadores, oriundas em sua grande maioria da falta de uma formação específica para a AJA (Alfabetização de Jovens e Adultos). Capaz de contribuir para a compreensão de como desenvolver ações significativas e, sobretudo, possibilitando o entendimento das particularidades que esta educação precisa contemplar para garantir a permanência dos alunos na escola; mas uma permanência de forma satisfatória, consolidando-se em um processo de crescimento mútuo, pautado no diálogo e na validação dos saberes prévios dos sujeitos aprendizes.

Com base nesse pressuposto afirmamos que a atuação dos alfabetizadores, bem como suas práticas pedagógicas precisam ser repensadas, uma vez que, muitas delas não consideram os sujeitos-alunos como seres históricos e culturais, levando-os a um desestímulo ainda maior. Despertá-los para a educação formal só será possível através da valorização de seus saberes e suas histórias de vida, e este exercício precisa partir dos processos metodológicos que se concretizam na sala de aula, pois como afirma Albuquerque,

Mesmo trazendo para a sala de aula textos de circulação social (notícias, letras de músicas, textos literários, etc.) muitos professores da EJA continuam praticando um ensino do sistema de escrita baseado no tradicional método silábico de alfabetização. Muitas vezes cria-se uma evidente contradição: lêem-se e escrevem-se textos interessantes, mas o ensino da escrita alfabética não muda. (2004, p.67-68).

Evidencia-se, portanto a importância de práticas contextualizadoras e significativas, capazes de estabelecer elos entre os saberes da ciência e a pluralidade cultural. “Por isso é que na formação permanente dos professores, o momento

fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”. (Freire 1996). Portanto, constata-se que as mudanças das práticas só serão possíveis a partir da revisão das concepções da formação dos professores, observando, sobretudo a deficiência na formação prévia dos alfabetizadores de jovens e adultos.

Fica claro o quanto é importante pensar a alfabetização de jovens e adultos de forma diferente, por apresentar particularidades gritantes que carecem ser atendidas, tanto no âmbito de estratégias de formação de professores, quanto na implementação de propostas metodológicas capazes de ajudar os educadores a atuarem com referência na formação de seus educandos, ajudando-os a superar os obstáculos que a sociedade lhes apresenta. Corroborando com (Gadotti 2001), diria que, “pela educação queremos mudar o mundo a começar pela sala de aula, pois as grandes transformações não se dão apenas como resultados de grandes gestos, mas de iniciativa cotidiana, simples e persistentes.”

PROCEDIMENTOS INVESTIGATIVOS

Nesta pesquisa procuramos evidenciar através de um questionário semi-aberto, como os 160 professores alfabetizadores do PBA – Pólo VI – Santana do Ipanema se percebem no processo de formação que lhes é oferecido. Para tanto adotamos um método de cunho qualitativo, acreditando na eficácia deste instrumento para uma percepção mais ampla da problemática.

Conforme (André e Lüdke 1986) “a pesquisa qualitativa se desenvolve numa situação natural, é um estudo rico em dados descritivos, tem um planejamento aberto e flexível e mira a realidade de modo complexo e contextualizado”. Neste sentido, esta pesquisa poderá ser assim caracterizada, uma vez que apresenta dados qualitativos. Efetivou-se por meio de uma entrevista semi-estruturada, utilizando questionários com perguntas fechadas e abertas, objetivando que os entrevistados tivessem a oportunidade de discorrer sobre a problemática em questão.

Um dos questionários aplicado na 1ª formação continuada dos professores alfabetizadores, realizada em julho de 2009, apresentou três questões abertas com um caráter dissertativo, objetivando a explicitação da maneira como estes sujeitos percebem a relevância de um processo de formação específico para EJA, pautado numa reflexão

mais rigorosa sobre os dilemas que eles vivenciam junto aos alfabetizados cotidianamente.

Estas questões ficam caracterizadas pela fala dos professores alfabetizadores, e confirmam as hipóteses levantadas, no tocante a falta de políticas nacionais de formação específicas para alfabetizadores da AJA. Impossibilitando que estes estabeleçam com frequência, um paralelo entre os conteúdos escolares e a leitura de mundo que os alunos trazem para a sala de aula. Isto se pode constatar nas falas dos alfabetizadores (as), identificados aqui com alfabetizador (a): 1, 2, 3, e assim sucessivamente:

Alfabetizador(a) 1: *“Sem formação o alfabetizador não tem capacidade de desenvolver seu trabalho com grandes avanços, dentro dos conteúdos que dificultam seu trabalho, por falta de estudos. Preciso mais da presença do coordenador para visitar minha sala, para ver as falhas que eu tenho como alfabetizadora. Meu conhecimento é insuficiente dentro das necessidades que os alunos têm”*. **2:** *“[...] Não é um processo de ensino-aprendizagem como na escola do ensino fundamental seu método de avaliação é diferente. Por isso é preciso se ter uma formação para nos aprimorarmos e trabalharmos a realidade do aluno em sala.”*. **3:** *“[...] Não temos acesso a uma formação mais rigorosa realmente. Desenvolvo meus trabalhos com pesquisas e informações e a minha experiência durante o tempo que eu ensino.* **4:** *“Tudo o que fazemos temos que nos preparar, e os estudos que nós tivemos no período escolar não nos preparam, nem ao menos nos dá uma noção de como trabalhar com EJA. Nós como alfabetizadores não tivemos uma formação exclusivamente para EJA, então temos que partir das próprias experiências que temos.”*. **5:** *“São raras as iniciativas concretas de formação para educadores da EJA, inclusive por parte do governo, que motiva esta forma de educação por que afirma querer que o Brasil seja todo alfabetizado, más, não trata com respeito, pois o investimento nesta modalidade de ensino é mínimo.”*. **6:** *“[...] Não tenho experiência com EJA, é a primeira vez, ainda tenho um pouco de dificuldade com alguns alunos, más com o tempo passa.”*

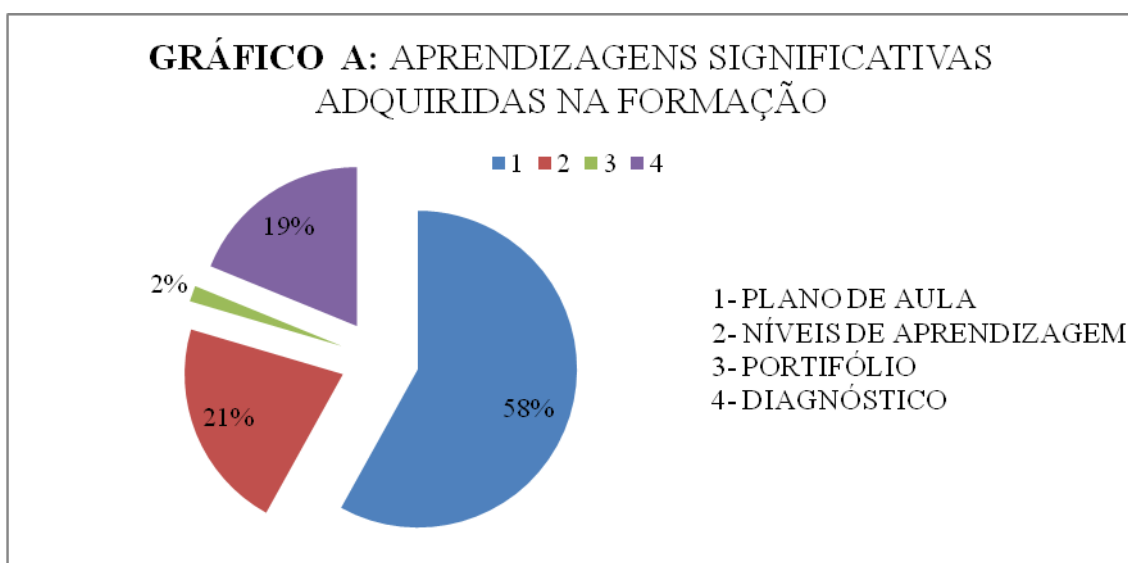
A partir da análise das falas acima percebemos que a maior parte dos professores-alfabetizadores pesquisados apresenta uma enorme carência de um modelo de formação capaz de ajudar na atuação destes em sala de aula. Cabe ressaltar que muitos deles não conseguem elaborar com segurança alguns instrumentos fundamentais, inerentes à profissão de professor, pois a formação inicial que tiveram não os ajuda na efetivação de práticas educativas condizentes com as necessidades dos alunos. Neste sentido os autores abaixo citados denunciam que:

Os professores que trabalham na educação de jovens e adultos, em sua quase totalidade, não estão preparados para o campo específico de atuação. Em geral, são professores leigos ou recrutados no próprio

corpo docente do ensino regular. Nota-se que na área específica de formação de professores, tanto em nível médio quanto em nível superior, não se tem encontrado preocupação com o campo específico da EJA; devem-se também considerar as precárias condições de profissionalização e de remuneração destes docentes. (HADDAD; DI PIERRO, 1994, p.15)

A análise a seguir surge após a aplicação de uma avaliação da 2ª formação continuada efetuada no período de 24 a 25 de novembro de 2009.

O gráfico “A” traz respostas ao seguinte questionamento: Qual a aprendizagens mais significativas adquiridas na formação continuada ofertada pelo PBA?

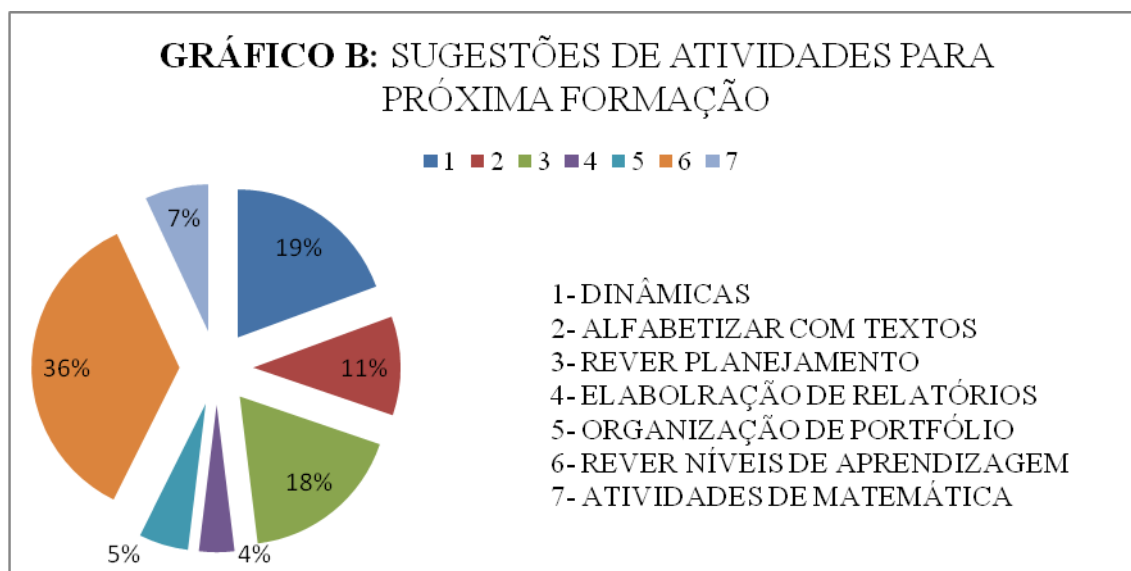


Constatamos a partir desses dados que a grande maioria, ou seja, 58% dos alfabetizadores apresentaram a elaboração do plano de aula como à aprendizagem mais significativa, o que vem demonstrar a ausência de um conhecimento básico e fundamental à docência.

Os dados apresentados acima revelam um quadro de alfabetizadores que necessitam de uma formação permanente, capaz de ajudá-los a construir técnicas adequadas de ensino-aprendizagem. Dentre essas técnicas enfatizamos nesse momento o planejamento como instrumento valioso para a reflexão das ações e procedimentos do trabalho do professor, uma vez que, o ato de planejar é uma das condições básicas para a obtenção da qualidade do ensino-aprendizagem.

Para Libâneo (1992, p.221) planejamento escolar “ é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulado a atividade escolar e a problemática do contexto social.” Nesta perspectiva é extremamente relevante que o professor-alfabetizador tenha uma visão objetiva sobre o que se busca alcançar, é neste momento que evidenciamos a relevância do ato de planejar. Porém através do nosso contato com os alfabetizadores investigados constatamos que a muitos destes não compreendem a dimensão técnica do planejamento, bem como, não conseguem perceber o ato de planejar como uma ferramenta para a organização e melhoria da alfabetização de jovens e adultos.

Na mesma avaliação solicitamos a sugestão de atividades para a próxima formação continuada que seria realizada no período de 09 a 10 de fevereiro de 2010. A partir dos dados apresentados no gráfico “B” a seguir, constatamos que a grande maioria, 36% dos professores-alfabetizadores, necessitava rever *níveis de aprendizagem*³, outro conhecimento de fundamental importância para aqueles que se dispõe a alfabetizar.



É importante destacar que muitos jovens e adultos analfabetos não têm uma definição clara acerca dos sons representados pelas letras, por isso é importante que o alfabetizador ajude-os a fazer essa correspondência dos sinais gráficos com os sons da

³ Aqui entendido como a psicogênese da alfabetização, estudo defendido pela psicolinguista argentina Emília Ferreiro. As pesquisas de Ferreiro que estudou e trabalhou com Piaget, concentram o foco nos mecanismos cognitivos relacionados à leitura e a escrita.

fala, na tentativa de ajudá-los a compreender as hipóteses e conflitos vivenciados no cotidiano.

A partir desse processo de intervenção os professores alfabetizadores poderão ajudar os educandos a avançar no processo de construção do conhecimento. Convém ressaltar que para tanto é imprescindível que o alfabetizador tenha conhecimento da psicogênese da escrita no processo de alfabetização, pois acreditamos que é de fundamental importância que o alfabetizador consiga detectar através de diagnósticos no decorrer do processo de alfabetização, em que estágio os seus alunos se encontram – pré-silábico, silábico, silábico alfabético ou alfabético. Tal conhecimento ajudará de forma significativa no direcionamento das atividades a serem desenvolvidas com esses alunos, proporcionando o avanço nos níveis da psicogênese da alfabetização de jovens e adultos.

Ao pedirmos que sugerissem atividades para a próxima formação continuada, percebemos que um grande número de alfabetizadores, 36% necessitavam de um maior aprofundamento nos níveis de aprendizagem, ou seja, muitos desses alfabetizadores não têm domínio da psicogênese da alfabetização, conhecimento extremamente relevante à prática de um alfabetizador.

Constatamos, portanto que a muitos dos alfabetizadores pesquisados não tiveram uma formação capaz de ajudá-los a compreender e fazer uso da multidimensionalidade que o processo de ensino-aprendizagem requer daqueles que se propõem a contribuir com a alfabetização de jovens e adultos, dando ênfase aos saberes prévios que têm esses sujeitos.

Através dessas análises evidenciamos o quanto a formação desses alfabetizadores é deficiente, pois, são inúmeros os limites de suas formações o que impossibilita o desenvolvimento de práticas significativas capazes de apresentar resultados mais concretos e eficientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais destacamos a necessidade de maiores investimentos na formação dos professores seja ela inicial ou continuada, uma vez que elas incidem

diretamente sobre as práticas pedagógicas. Frente a este cenário, constata-se a necessidade de estudarmos mais a fundo a formação desses sujeitos para podermos contribuir de maneira positiva na consolidação de suas práticas educativas, no intuito de perceber o reflexo do trabalho de formação na ação dos alfabetizadores, atentando para a ênfase dada às contribuições que os alunos trazem das suas vivências e se há ou não a valorização dos saberes prévios desses sujeitos, pois já dissera Prada,

As metodologias que apresentam maior sucesso no ensino com pessoas adultas são aquelas que resgatam o cotidiano de seu contexto cultural, partem do concreto, dinamizam as relações entre os participantes, tanto em pequeno como em grandes grupos, contribui para reforçar valores e idéias arraigadas culturalmente. (1997, p.85-86).

A partir desse trabalho, pretendemos compreender os reflexos da formação inicial dos alfabetizadores sobre suas práticas, trazendo algumas contribuições para repensar tais práticas, no que diz respeito a sua formação inicial e continuada e o quanto estas podem interferir na concretização da aprendizagem dos alfabetizandos.

Concluimos, portanto que a maioria dos alfabetizadores pesquisados não tem uma formação que comporte saberes teórico-práticos para a atuação nas turmas de alfabetização de jovens e adultos. Confirma-se, portanto a hipótese levantada, na qual afirmamos que a formação inicial destes sujeitos é insuficiente à compreensão das especificidades do público da AJA, o que provoca o desencadeamento de práticas imediatistas, espontaneistas e distanciadas das vivências dos alunos analfabetos. Confirma-se também a hipótese que as práticas se consolidam no campo da experiência, mas são desprovidas de uma reflexão mais rigorosa, que se situe a partir de um referencial teórico específico para a AJA.

Assim, diante dessas evidências apresentadas pela pesquisa, percebemos a necessidade urgente de um novo olhar sobre este público; fruto da exclusão provocada por um sistema injusto que continua a transferir jovens analfabetos para programas de alfabetização que não apresentam condições para recebê-los. Perpetua-se o descaso com aquilo que é de fundamental importância para o crescimento do ser humano – a educação. Nesta perspectiva (Gadotti, 2008, p. 103), ajudar-nos a encerrar essa discussão ao afirma que: “Sendo o analfabetismo um problema político, a sua superação dependerá de uma profunda mudança social e política.”

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; LEAL, Telma Veraz. **Alfabetização de Jovens e Adultos e uma perspectiva de letramento**, Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- ANDRADE, Eliane Ribeiro. **Os sujeitos educandos na EJA**. In TV Escola, Salto para o Futuro. Educação de Jovens e Adultos: continuar... e aprender por toda a vida. **Boletim**, 20 a 29 de set. 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança; um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- . **Professora sim, Tia não: Cartas a que ousa ensinar**. São Paulo: Editora olho d' água 1993b.
- . **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir e ROMÃO José E. (org.). **Educação de Jovens e Adultos: Teoria, prática e proposta**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito**. 15 ed. São Paulo, 2008.
- HADDAD, S; DI PIERRO, M. C. **Diretrizes de Política Nacional de educação de Jovens e Adultos: consolidação de documentos 1985/94**. São Paulo. 1994.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão Escolar: teoria e prática**. 4 ed. Goiânia: Alternativa 2001.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Trabalho encomendado pelo GT “Educação de pessoas jovens e adultas” e apresentado na 22ª Reunião Anual da ENPED – 26 a 30 de setembro de 1999, Caxambu.
- PRADA, Luiz Eduardo Alvarada. **A formação em serviço de docentes de adultos: pós-alfabetização**. Campinas, 1995. 132 p. Tese de (Doutorado) _ Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- . **Formação participativa de docentes em serviço**. Taubaté; Cabral Editora Universitária, 1997.
- SOARES. Leôncio. **O Educador de Jovens e Adultos e a sua formação**. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 47, p. 83 – 100 jun. 2008.